



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

**EMERSON NASCIMENTO DA PAZ**

**NOTAS SOBRE O ILUMINISMO EM KANT**

**CAMPINA GRANDE - PB  
2017**

**EMERSON NASCIMENTO DA PAZ**

**NOTAS SOBRE O ILUMINISMO EM KANT**

Artigo apresentado ao Curso de Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Ms. Roberto Pereira Veras

**CAMPINA GRANDE - PB**  
**2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P348n Paz, Emerson Nascimento da  
Notas sobre o iluminismo em Kant [manuscrito] / Emerson  
Nascimento da Paz. - 2017.  
17 p. : il.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.  
"Orientação: Prof. Me. Roberto Pereira Veras, Departamento  
de Filosofia".

1. Filosofia alemã 2. Menoridade 3. Razão 4. Liberdade de  
pensamento I. Título.

21. ed. CDD 193

EMERSON NASCIMENTO DA PAZ

## NOTAS SOBRE O ILUMINISMO EM KANT

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Aprovado em 17/03/2017.



Prof. Me. Roberto Pereira Veras / UEPB  
Orientador



Profa. Ma. Amanda Oliveira da Silva Pontes / UEPB  
Examinadora



Prof. Me. Fernando José da Silva Monteiro / UEPB  
Examinador

*A minha mãe que sempre me incentivou a conquistar os meus objetivos, e ao meu filho Yuri, que sempre esteve ao meu lado por toda essa trajetória.*

## AGRADECIMENTOS

A minha mãe Maria do Nascimento da Paz (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força.

Ao meu irmão Roberto Anízio da Paz e a minha companheira Camila Moreira da Costa, que me incentivaram a concluir esta etapa.

A toda família Almeida que estiveram comigo durante essa caminhada, serei sempre grato pela compreensão e apoio.

Ao professor Roberto Pereira Veras, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Ao Departamento e a Coordenação, do curso de Filosofia, por seu empenho.

Aos professores do Curso de Filosofia da UEPB, em especial, Diniz Meira e Simone Marinho, que contribuíram ao longo destes 5 anos, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

E aos colegas de classe, pelos momentos de amizade e apoio.

Sapere aude! Tem a coragem de te servires do teu próprio entendimento!

**(Kant, 1783, p. 516)**

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 PREGUIÇA E COBARDIA COMO FATORES QUE IMPEDEM A SAÍDA DO HOMEM DA MENORIDADE .....</b>	<b>8</b>
<b>3 A DIFICULDADE DO HOMEM EM DESPRENDER-SE DA MENORIDADE.....</b>	<b>10</b>
<b>4 CONSEGUIMOS NÓS FAZER USO DA PRÓPRIA RAZÃO?.....</b>	<b>12</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>15</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>17</b>



## NOTAS SOBRE O ILUMINISMO EM KANT

Emerson Nascimento da Paz<sup>1</sup>

### RESUMO

O trabalho tem como objetivo apresentar o pensamento do filósofo Immanuel Kant, cuja sua tese sobre o conhecimento está presente na pergunta sobre o esclarecimento (*aufklärung*). Ademais, iremos analisar alguns de seus argumentos que, por sua vez influenciaram grande parte do pensamento moderno. Iremos utilizar alguns comentadores para estabelecer um diálogo com o tema proposto.

**Palavras-chave:** Menoridade. Razão. Liberdade de pensamento.

### 1 INTRODUÇÃO

Immanuel Kant nasceu em Königsberg, na antiga Prússia Oriental (hoje incorporada à Rússia) em 1724. Sua família não possuía recursos financeiros, o que levou Kant a possuir uma educação baseada no pietismo Luterano, vertente sustentada na leitura direta da Bíblia. Posteriormente veio a estudar na Universidade Albertina. Na docência, era admirado por seus alunos devido a sua capacidade intelectual e sua simpatia. Centrou seus estudos “na apreciação crítica das condições de possibilidade do conhecimento humano”, na “capacidade de julgar” e na “forma como nós devemos conduzir, isto é, da ética”. Sua filosofia crítica é resultado de uma separação: “do que é verdadeiro e útil ao raciocínio daquilo que não o é.

Kant deixou uma vasta obra, dentre elas, uma resposta dada a seguinte pergunta: “Que é esclarecimento?” Sua conclusão foi publicada em 1783, tornando-se um marco filosófico desde então, inclusive como sinônimo de iluminismo, embora *Aufklärung* signifique ‘esclarecimento’. Já no início da referida obra escrita em formato de artigo, Kant sintetiza que a elucidação para ele seria “a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado menoridade essa que seria a própria incapacidade do indivíduo de usar o seu

---

<sup>1</sup> Aluno do Curso de Licenciatura Plena em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: emersonnascimento500@gmail.com

entendimento sem ser auxiliado por outra pessoa” (Kant, 2010, p.63). Para Kant atingir o esclarecimento, o homem teria que ser corajoso e fazer uso de seu próprio entendimento. Eis a célebre frase que Kant utiliza: *Sapere Aude*: ‘atreva-se a saber’, ‘ouse saber’. Ou seja, a razão sendo um exercício da autonomia, e sendo esta autonomia livre, atingir a ‘maioridade’ seria praticar o uso livre da razão.

Embora Kant disserte sobre essa prerrogativa que se praticar o uso livre da razão em busca do esclarecimento, o autor explicita que alguns passarão pela ‘menoridade’ em algum momento de sua vida e muitos ali permanecerão por oportunismo, medo, preguiça e covardia, pois:

Portanto, para o filósofo é favorável que se acate, porém, é necessário que também se faça o uso público da razão, pois somente desta forma, o saber é obtido, ou seja, um homem pode pessoalmente e por algum tempo apenas prorrogar este conhecimento, mas “renunciar a ele, quer para si mesmo quer ainda mais para sua descendência, significa ferir e calcar aos pés os sagrados direitos da humanidade” (KANT, 2010, p. 69).

Ao final do seu escrito, para resumir suas atividades, Kant faz o seguinte questionamento: “*vivemos agora em uma época esclarecida?*”. Em seguida, responde que:

Não, vivemos em uma época de esclarecimento (Aufklärung). Falta ainda muito para que os homens, nas condições atuais, tomados em conjunto, estejam já numa situação, ou possam ser colocados nela, na qual em matéria religiosa sejam capazes de fazer uso seguro e bom de seu próprio entendimento sem serem dirigidos por outrem. Somente temos claros indícios de que agora lhes foi aberto o campo no qual podem lançar-se livremente a trabalhar e tornarem progressivamente menores os obstáculos ao esclarecimento (Aufklärung) geral ou à saída deles, homens, de sua menoridade, da qual são culpados. Considerada sob este aspecto, esta época é a época do esclarecimento [...] (KANT, 2010, p. 69-70).

## **2 PREGUIÇA E COVARDIA COMO FATORES QUE IMPEDEM A SAÍDA DO HOMEM DA MENORIDADE**

No citado escrito, Kant vê que, as pessoas por fraqueza, por falta de coragem pela própria preguiça, abrem mão da capacidade de pensar, ele percebe que, tendo cada um de nós a capacidade racional de nos guiarmos unicamente pela nossa cabeça, pela nossa racionalidade, pelos nossos critérios de vida decididos livremente por nós, tendo essa capacidade, Kant percebe que a maioria das pessoas do seu tempo abre mão dessa capacidade,

deixando-se escravizar-se, escolhendo que pessoas escolham a vida por elas, por preguiça, por falta de coragem, falta de personalidade, Kant, faz uso de duas palavras “preguiça” e “coragem” tendo as pessoas coragem de pensar por si mesmas, mas elas são covardes e preguiçosas preferindo entregar a sua capacidade de pensar na mão de outra pessoa para que não possam decidir a vida, ”Não tenho necessidade de pensar, quando posso simplesmente pagar; outros se encarregarão em meu lugar dos negócios desagradáveis” (KANT apud MORÃO, 1995, p. 2), afirma ele como modelo de fala que indica esta preguiça.

Decidir a vida é complicado assumir a responsabilidade tal incumbência, não é tão simples, por exemplo: hoje eu vou agir conforme o meu entendimento, definir como a si mesmo ter você mesmo como guia, através do uso da razão e do próprio entendimento, passar a ser uma tarefa difícil e até raro, porque para que isso venha acontecer é preciso coragem e esforço, e por que é preciso coragem? Porque o mundo a todo o momento tentara nos convencer do contrário e em todas as oportunidades que o mundo tiver, vai tentar nos suggestionar o nosso entendimento, que devemos nos curvar a opinião que ele tem a oferecer.

Tornando-se ser muito mais acessível deixar o outro solucionar e encaminhar nossa vida, é muito “arriscado” avançar por si mesmo. Sair dos caminhos traçados pelo outro, tentar um novo caminho, tentar sair do “modelo” no qual somos “conduzidos” pode causar grandes acontecimentos. “Ora, este perigo na verdade não é tão grande, pois aprenderiam muito bem andar finalmente, depois de algumas quedas” (KANT apud MORÃO, 1995, p. 2) afirma Kant.

Temos temor de “arriscar”? De fazer uso de um pensamento diferente? Ou temos medo de sermos nós mesmos? Tornando assim, ser mais viável pensar como o outro ou tentar ser o outro, abrindo mão da nossa capacidade intelectual e racional de pensar por si só. Sendo mais fácil seguir um pensamento pré-estabelecido, mesmo que esta maneira de pensar esteja equivocada, torna-se mais simples, pelo fato de ser um pensamento pronto e mal elaborado, tudo isso se dá a preguiça e a covardia de pensar por si mesmo deixando que um outrem ou uma sociedade deixe pensar por você.

A mudança de pensar por si mesmo não é fácil, pois requer a troca de um caminho já percorrido por um novo trajeto, sem saber ao certo onde tal trajeto nos levará. O quanto temos certeza em nosso próprio pensamento? Quando pensamos de maneira desigual da maioria das pessoas, o que fazemos? Pressupomos, imediatamente, estarmos errados e buscamos nos moldar ao pensamento já estabelecido por convenção ou analisamos se nossa maneira de pensar possui razão?

Preceitos e fórmulas, estes instrumentos mecânicos do uso racional, ou antes do abuso, de seus dons naturais, são os grilhões de uma perpétua menoridade. Quem deles se livrasse só seria capaz de dar um salto inseguro mesmo sobre o mais estreito fosso, porque não está habituado a este movimento livre. Por isso são muito poucos aqueles que conseguiram, pela transformação do próprio espírito, emergir da menoridade e empreender então uma marcha segura (KANT apud MORÃO, 1995, p. 2).

Não se versa, também, de trocar um esquema, ou um método de pensamento por outra. Isto proporcionaria apenas a trocar o mentor. Para Kant, todo ser humano possui a competência de pensar por si. Somos munidos de uma razão, que equivale numa forma lógica, universal e incondicionada, ou seja, trata-se da mesma forma para todo e qualquer ser humano.

Uma revolução poderá talvez realizar a queda do despotismo pessoal ou da opressão ávida de lucros ou de domínios, porém nunca produzirá a verdadeira reforma do modo de pensar. Apenas novos preconceitos, assim como os velhos, servirão como cintas para conduzir a grande massa destituída de pensamento (KANT apud MORÃO, 1995, p. 3).

O caminho para o refletir por si mesmo não se dá por dever, nem por uma revolução a possibilidade deste caminho encontra-se na liberdade, com liberdade, esse Caminho torna-se inexorável. Na medida em que Kant aponta a liberdade como caminho, entende a liberdade como *“fazer uso público de sua razão em todas as questões”*.

### **3 A DIFICULDADE DO HOMEM EM DESPRENDER-SE DA MENORIDADE**

A dificuldade em que o homem encontra em sair ou desprender-se da menoridade, está ligada ao contentamento de estar em uma zona de conforto, a qual ele pretende não desencarcerar-se, pois, é mais agradável estar encarcerado no pensamento de outrem do que pensar por si só. Segundo Kant, esse aprisionamento racional dar-se pelo não uso da razão, através do comodismo que o próprio indivíduo propicia.

É tão cômodo ser menor. Se eu tiver um livro que tem entendimento por mim, um director espiritual que em vez de mim tem consciência moral, um médico que por mim decide da dieta, etc., então não preciso de eu próprio me esforçar. Não me é forçoso pensar, quando posso simplesmente pagar; outros empreenderão por mim essa tarefa aborrecida. Porque a imensa maioria dos homens (inclusive todo o belo sexo) considera a passagem à

maioridade difícil e também muito perigosa é que os tutores de bom grado tomaram a seu cargo a superintendência deles (KANT apud MORÃO, 1995, p. 1).

É tão prático entregar-se aos tiranos que aparecem por todo lado, tiranos esses que se apresentam dizendo o que você deve fazer, é muito cômodo adotar fórmulas que esses absolutos trazem esses métodos e são expostos sempre dizendo o que você deve fazer, é difícil mostrar a outrem o que deve ser feito o tentar fazer com que use o seu próprio entendimento, quando o mesmo não que sair de seu espaço de comodidade. O que Kant recomenda é, “*tenha coragem para se servir*”, e porque temos que ter essa coragem? Por que é preciso ter coragem para seguir o nosso entendimento, em certos momentos é preciso ter esse valor, os mesmos indivíduos que, vieram com a fórmula pronta de como se deve agir e de como não usar o raciocínio da maneira que deve ser, estes viram mostrar também os perigos que corremos se quisermos trilhar o caminho sozinho.

Mas é perfeitamente possível que um público a si mesmo se esclareça. Mais ainda, é quase inevitável, se para tal lhe for concedida a liberdade. Sempre haverá, de facto, alguns que pensam por si, mesmo entre os tutores estabelecidos da grande massa que, após terem arrojado de si o jugo da menoridade, espalharão à sua volta o espírito de uma estimativa racional do próprio valor e da vocação de cada homem para pensar por si mesmo. Importante aqui é que o público, antes por eles sujeito a este jugo, os obriga doravante a permanecer sob ele quando por alguns dos seus tutores, pessoalmente incapazes de qualquer ilustração, é a isso incitado (KANT apud MORÃO, 1995 p. 2).

O pensar por si mesmo é, para Kant, prosseguir com os princípios da razão, razão esta, completa, isto é, consiste a não autorizar que fatores externos à razão a mantenham. Entre esses fatores, Kant relaciona as necessidades fisiológicas, os instintos, as pressões sociais, as leis, as emoções, os contextos, ou seja, nada deve intervir no funcionamento da razão. A razão kantiana não é o jeito de pensar de cada um, trata-se de uma razão universal e necessária, isto é, todos os seres humanos a possuem, com os mesmos princípios que dominam o funcionamento da sapiência.

Em um trecho da obra o autor escreve “Agora, porém, de todos os lados ouço gritar: não raciocines! Por toda a parte se depara com a restrição da liberdade.” Essa liberdade de entendimento o qual fala Kant, ela não é para transformar a sociedade em uma desorganização, existem mecanismos de controle da sociedade que, para Kant, esses não

devem ser desobedecidos, mas em condições certas e espaços certos devem ser discutidos e debatidos livremente.

Então a boa sociedade para Kant, é aquela que consagra espaços onde as pessoas possam colocar seus entendimentos a prova, a grande engrenagem que o homem público deve tentar construir é um binômio um tipo de controle social e liberdade dos cidadãos, não podemos chegar a um ponto onde todos façam o que querem, mas também não podemos cair a tal ponto, onde o governo nos impeça de raciocinar, segundo nosso entendimento, e não devemos cair ai por quê? Porque o governo deve se esforçar para ensinar os seus cidadãos a raciocinarem. Dando para entender que, Kant, está fazendo um apelo para que nós possamos a usar nossa capacidade racional que lhe é característica para deliberar o mundo livremente, Kant não quer que vendam a nossa capacidade de pensamento em troca dessas fórmulas, que vem a nos oferecer tranquilidade mental, tranquilidade social, fórmulas essas que nos impedem de raciocinar por si só, que nos priva de fazer uso da nossa razão, e com isso impossibilitando-nos de sairmos da menoridade a qual estamos presos.

#### **4 CONSEGUIMOS FAZER USO DA PRÓPRIA RAZÃO?**

Kant expõe que, é possível sim, que um grupo de pessoas possam fazer uso do próprio entendimento, mas também, mostra o risco que correm, fora uma vez concebida a liberdade, sempre apareceram indivíduos que pensaram por si e faram uso de tal raciocínio, espalhando desse modo uma estimativa racional entre a grande maioria não instruída.

Mas é perfeitamente possível que um público a si mesmo se esclareça. Mais ainda, é quase inevitável, se para tal lhe for concedida a liberdade. Sempre haverá, de facto, alguns que pensam por si, mesmo entre os tutores estabelecidos da grande massa que, após terem arrojado de si o jugo da menoridade, espalharão à sua volta o espírito de uma estimativa racional do próprio valor e da vocação de cada homem para pensar por si mesmo. Importante aqui é que o público, antes por eles sujeito a este jugo, os obriga doravante a permanecer sob ele quando por alguns dos seus tutores, pessoalmente incapazes de qualquer ilustração, é a isso incitado (KANT apud MORÃO, 1995, p. 2).

Conseguimos nós fazer uso da própria razão? A resposta será: “sim, mas para que isso aconteça é preciso que tenhamos a coragem de pensar por si”. Há indivíduos que, contudo, são o contrário. São aquelas “pessoas incapazes de ter um raciocínio próprio”. Esses indivíduos devem compartilhar o pensamento de observação racional de cada homem. Ainda

assim, existem pessoas que acabam tirando proveito da situação, impondo as demais pessoas a viverem sob seu comando.

A autêntica reforma deve ser a mudança do pensar das pessoas. Essa conversão traz benefícios muito maiores que a de uma revolução política, em que apenas se trocam algumas pessoas do poder, mas a dominação continua. Uma transformação assim, que derruba um governo opressor, jamais gerara a verdadeira transformação do modo de pensar.

Semear preconceitos é muito danoso, porque acabam por se vingar dos que pessoalmente, ou os seus predecessores, foram os seus autores. Por conseguinte, um público só muito lentamente consegue chegar à ilustração. Por meio de uma revolução talvez se possa levar acabo a queda do despotismo pessoal e da opressão gananciosa ou dominadora, mas nunca uma verdadeira reforma do modo de pensar. Novos preconceitos, justamente como os antigos, servirão de rédeas à grande massa destituída de pensamento (KANT apud MORÃO, 1995, p. 2).

O saber exige liberdade. Uma liberdade não moderada, não retida, que favoreça apenas aos que têm o “poder” nas mãos. Também o uso privado da razão, apesar de ser limitado, pode ajudar consideravelmente no progresso da erudição.

Por uso público da própria razão entendo aquele que qualquer um, enquanto erudito, dela faz perante o grande público do mundo letrado. Chamo uso privado àquele que alguém pode fazer da sua razão num certo cargo público ou função a ele confiado. Ora, em muitos assuntos que têm a ver com o interesse da comunidade, é necessário um certo mecanismo em virtude do qual alguns membros da comunidade se comportarão de um modo puramente passivo com o propósito de, mediante uma unanimidade artificial, serem orientados pelo governo para fins público sou de, pelo menos, serem impedidos de destruir tais fins. Neste caso, não é decerto permitido raciocinar, mas tem de se obedecer (KANT apud MORÃO, 1995, p. 3).

De acordo com Kant, fazer uso próprio do entendimento é o que um letrado pode instituir através de uma ocupação pública. Portanto um situacionista não pode ter embate com seu superior, ou seja, não podendo argumentar em voz alta, tendo apenas de obedecer aquilo que é norma. Da mesma forma que um clérigo, obediente ao credo que segue, diz palavras, em seu sermão, coniventes com a crença professada. Mas, deve-se, contudo, despertar o coletivo sobre esses princípios equivocados da fé admitida.

Apresentei o ponto central do Iluminismo, a saída do homem da sua menoridade culpada, sobretudo nas coisas de religião, porque em relação às

artes e às ciências os nossos governantes não têm interesse algum em exercer a tutela sobre os seus súbditos; por outro lado, a tutela religiosa, além de ser mais prejudicial, é também a mais desonrosa de todas. Mas o modo de pensar de um chefe de Estado, que favorece a primeira, vai ainda mais além e discerne que mesmo no tocante à sua legislação não há perigo em permitir aos seus súbditos fazer uso público da sua própria razão e expor publicamente ao mundo as suas ideias sobre a sua melhor formulação, inclusive por meio de uma ousada crítica da legislação que já existe; um exemplo brilhante que temos é que nenhum monarca superou aquele que admiramos (KANT apud MORÃO, 1995, p. 7).

A época exposta por Kant é um período apenas de passagem. A época do filósofo não é, ainda, “esclarecida”, mas a mesma está em processo. Tal desenvolvimento dá-se no Iluminismo que é uma linha filosófica caracterizada pelo esforço em compreender o uso racional como discordância e referência a todos os campos do saber humano. “Nesse sentido, Kant escreveu:”. Menoridade é a insuficiência de fazer uso do próprio entendimento sem a orientação de outro. Tal menoridade corresponde à própria pessoa, isso se a causa não for problema de deficiência intelectual, a referida carência dá-se pela falta de decisão e coragem para utilizar sua inteligência como dirigente.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As principais causas, que impedem o homem de sair de sua menoridade estão no seu comodismo, na preguiça e no seu ato covarde de estar sempre esperando que um outrem pense por ele, tornando uma eterna espera por algo que não vai vir, se ele mesmo não sair de período de comodismo e ter o esforço de pensar por si, mais pensar de uma maneira crítica, racional que possa fazer com que se possa sair do estado de menoridade intelectual, e ter a audácia de pensar sem a tutela de alguém.

O processo de refletir por si é um ato que requer coragem que o indivíduo possa fazer uso do seu raciocínio de forma coerente, deixando de lado o temor por algo que ele pensa que conhece, mas que na verdade por não ter esse conhecimento que se dá através de um pensamento racional, faz com que ele permaneça na menoridade, deixando o indivíduo a favor da sorte e da dependência de alguém.

O homem, que não tentar sair desse estado de inferioridade intelectual, está propenso a passar o resto de sua vida como escravo, com isso acarretando sérios problemas, tais como: estar sempre em busca de algo, procurar propósitos de vida e saber alcançar o domínio das paixões. Por existir essa menoridade, uma pequena parte que faz uso de um raciocínio próprio se aproveita para poder manipular os demais usando uma linha de raciocínio, que tiram proveito da situação, fazendo com que os demais indivíduos vivam sobre sua tutela. Devido a esses tiranos o processo de progressão da sociedade, será sempre um grande empecilho para o entendimento geral, do próprio povo, no qual instigado por alguns de seus conselheiros ainda não esclarecidos pretendendo manter a ordem presente.

Com base no que foi produzido até aqui, Kant faz uma definição do que seria o uso público e o uso privado da razão. O uso privado é aquele que o sábio pode fazer de sua razão em certo cargo público ou função a ele confiada, já o uso público é aquele que qualquer homem, enquanto sábio, faz da sua razão diante do grande público do mundo letrado.

Por fim, Kant explica que não assistimos a uma época esclarecida, pois estamos segundo o autor, em fase de esclarecimento, uma vez que, há um longo processo para que os homens sejam capazes de fazer uso de suas razões, para que então possam sair do estado de menoridade.

**ABSTRACT**

The paper aims to present the thinking of the philosopher Immanuel Kant, whose thesis on knowledge is present in the question about enlightenment (aufklärung). In addition, we will analyze some of his arguments that, in turn, influenced much of modern thinking. We will use some commentators to establish a dialogue with the proposed theme.

Keywords: Minority. Reason. Freedom of thought.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Ivone Castilho. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KANT, I. O que é o esclarecimento? In: \_\_\_\_\_. **Textos Seletos**. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 63-71.

MORÃO, A. **Resposta à pergunta: que é o Iluminismo**. Lisboa: Edições 70, 1995.